

Francisca Geny Lustosa
Fernando Bomfim Mariana
(Organizadores)

**DIVERSIDADE,
DIFERENÇA E
DEFICIÊNCIA:**
ANÁLISE HISTÓRICA E
NARRATIVAS CINEMATOGRAFICAS



EDIÇÕES
UFC

Fortaleza
2017

Diversidade, diferença e deficiência: análise histórica e narrativas cinematográficas © 2017 Copyright by Francisca Geny Lustosa e

Fernando Bomfim Mariana

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

Todos os Direitos Reservados

Edições UFC

Av. da Universidade, 2932 – Benfica – Fortaleza – Ceará

CEP: 60020-181 – Tel./Fax: (85) 3366.7766 (Diretoria)

3366.7499 (Distribuição) 3366.7439 (Livraria)

Site: www.editora.ufc.br – E-mail: editora@ufc.br

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Moacir Ribeiro da Silva

REVISÃO

Isabel Ferreira Lima

NORMALIZAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

Perpétua Socorro Tavares Guimarães – CRB 3/801

PROGRAMAÇÃO VISUAL E DIAGRAMAÇÃO

Carlos Raoni Kachille Cidrão

CAPA

Valdiano Araújo Macedo

Catálogo na Fonte

Bibliotecária: Perpétua Socorro Tavares Guimarães CRB 3 801–98

Diversidade, diferença e deficiência: análise histórica e narrativas cinematográficas / Francisca Geny Lustosa, Fernando Bomfim Mariana [organizadores]. – Fortaleza: Edições UFC, 2017.

235 p.

ISBN: 978-85-7282-702-7

(Coleção História da Educação)

1. Educação inclusiva 2. Formação de professores 3. Pedagogia da diferença 4. Diversidade 5. Deficiência. I. Lustosa, Francisca Geny II. Mariana, Fernando Bomfim III. Título

CDD: 371.952

Análise do Filme *Os Melhores Dias de Nossas Vidas*:¹

Pressupostos Teóricos para o Debate na Formação de Professores Inclusivos

Francisca Geny Lustosa (UFC)

Marcia Gardenia Lustosa Pires (IFPB)

Introdução

E o filme disse: eu quero ser poema.
Caetano Veloso

O filme *Os melhores dias de nossas vidas*, aqui em análise, aborda a história de vida de dois jovens irlandeses, Michael Connolly e Rory O'Shea, que possuem deficiência física e têm suas vidas entrecruzadas a partir do momento em que se encontram em uma instituição especializada em acolher e cuidar de pessoas com essa condição.

A película se apresenta prenhe de questões provocativas que podem guiar-nos no debate sobre a temática da inclusão social de sujeitos com deficiência. Em uma analogia, emergem do filme elementos históricos que influenciaram os processos de institucionalização e desinstitucionalização do atendimento a esse segmento de pessoas. O enfoque nas situações e interações cotidianas que envolvem o enredo também oportunizam o debate sobre as possibilidades de desenvolvimento humano, diante das condições objetivas e subjetivas de existência dos indivíduos, nas situações dadas e postas pelo meio social no qual estão inseridos – que podem se estabelecer como favorecedoras ou cerceadoras/limitadoras da aprendizagem humana, da constituição de autonomia, de saberes, experiências, linguagem, além das formas de pensar e atuar no

¹ Filme de 2004, com direção de Damien O'Donnell e título original *Inside I'm dancing*.

mundo. Ou seja, alerta para o fato de que a qualidade das interações e das ações estabelecidas nos contextos sociais colaboram para a constituição da subjetividade e da cognição dos sujeitos, implicando o desenvolvimento das potencialidades humanas.

A produção cinematográfica em tela, portanto, na constituição de seus personagens, contextos e interações, reporta-se a construtos sociais contemporâneos que remetem a uma nova forma de conceber e tratar as diferenças humanas, em uma perspectiva de respeito e valorização da diversidade, fazendo emergir pressupostos importantes à discussão sobre processos psicológicos que funcionam como base estrutural ao desenvolvimento social e cognitivo dos sujeitos.

De forma oportuna, situaremos, nos limites deste estudo, reflexões à luz da perspectiva interacionista, representada no pensamento de Piaget e Vygotski, com destaque para o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal ou Eminente, como parâmetro para analisar as situações nas quais os personagens principais do filme passam a experimentar situações de interação social mais efetivas.

Com efeito, o presente ensaio intenciona apropriar-se dessa narrativa não só como entretenimento, contemplação e/ou fruição, mas como “obra estética permeada de sentido social, político e ideológico, [...] como forma de promover exercícios de reflexão crítica em função da formação dos sentidos humanos”, assim como assevera Alves (2012, p. 19), contribuindo para romper “com a deseducação do olhar”, elemento notadamente importante na formação de educadores.

A Tríade “Desenvolvimento, Aprendizagem e Deficiência”: Indicativos para o Debate sobre o Papel do Outro em Nossas Vidas

A obra em tela debruça-se sobre os protagonistas Michael e Rory. O primeiro, um rapaz com diagnóstico de paralisia cerebral (PC), que passou sua vida inteira em uma instituição especializada no

“cuidado” de pessoas com deficiência, onde fora abandonado pelo pai, após a morte da mãe; o segundo, Rory, que também tem deficiência motora, proveniente de distrofia muscular de Duchene.

Michael apresenta prejuízos na dimensão da linguagem oral, decorrentes da paralisia cerebral, o que faz com que necessite do uso de prancha de comunicação², ou seja, de recurso de comunicação alternativa (CA) que possibilita a comunicação para indivíduos que não conseguem articular ou produzir a fala. Apesar de Michael possuir uma linguagem gestual e corporal bastante expressiva, os cuidadores da instituição demonstravam pouco interesse ou paciência em compreendê-lo. Muito provavelmente, esse fato contribuía para seu comportamento tímido e retraído. Ao ser pouco estimulado em suas interações sociais, acaba por adaptar-se a um estilo de vida acomodado, sem muitas solicitações do meio que pudessem favorecer um desenvolvimento pleno de suas potencialidades. Seus dias na instituição pareciam passar sem muita emoção, antes da chegada do colega Rory, que seria responsável por uma verdadeira transformação em sua vida.

Rory, por sua vez, ao oposto de Michael, é extrovertido, detém uma linguagem oral bastante desenvolvida, autonomia social e intelectual, além de características que compõem seu perfil psicológico, como a irreverência própria de muitos dos jovens de sua idade, com sonhos, desejos e insatisfações. Sua personalidade é marcada por certa irreverência: uns poderiam chamar de rebeldia, outros, de revolucionário.

Rory, detentor de uma personalidade de contravenção, na verdade, abriga uma intensa “pulsão de vida”³, uma explosão de

² A prancha de comunicação pode ser confeccionada com letras que, indicadas/apontadas pelo usuário, compõem sentenças gramaticais e/ou desenhos/imagens promovendo a comunicação por símbolos, usual, no caso de crianças que ainda não dominam a leitura e a escrita. Pode ser um recurso importante, quando compreendida como promotora de espaços de comunicação e interação do sujeito com deficiência, todavia um substitutivo muito mais lento e de menores possibilidades de expressão e comunicação de ideias e sentimentos, se considerado o diálogo oral, sem dúvida.

³ A pulsão de vida seria representada pelas ligações amorosas que estabelecemos com o mundo, com as outras pessoas e com nós mesmos, enquanto a pulsão de morte seria

sentimento e energia transformadora. Suas atitudes, sob o jugo dos profissionais da instituição, soam como insolentes, de afronta e desrespeito aos auspícios conservadores desses profissionais.

Assim, com seu comportamento não afeito ao cumprimento de regras, em muitas ocasiões, o rapaz questiona os procedimentos, as atitudes e práticas impostas pela instituição. Demonstra o anseio por sua própria liberdade – noção inteligentemente trabalhada pelo diretor para fazer alusão à necessária construção desse conceito para os sujeitos com alguma dificuldade mais significativa, na qual os estímulos, as experimentações e vivências se constituem definidoras de suas possibilidades de desenvolvimento, de avanços e de minimização das repercussões causadas pela deficiência. Nesse ambiente institucionalizado, Rory, como recém-ingresso, vai gradativamente se deparando com rígidas e inflexíveis rotinas, códigos de conduta e regras de convivência do local, além de estabelecer as primeiras interações com os demais pares e com as administradoras e profissionais da instituição.

Logo na abertura do filme, temos uma primeira cena que merece a atenção detida do espectador, pois se faz de extrema importância para a constituição do enredo/argumento do filme. Ela apresenta a composição do ambiente social daquela instituição: uma sala de estar, com jovens e adultos com deficiência, aparentemente alheios ao seu entorno; uma TV exibindo um programa infantil que não desperta nenhum interesse ou significação aos que ali estão, em uma clara alusão à situação de “depósito” de sujeitos, ocultando outras dimensões da vida, que configuram a riqueza do humano, como iremos tratar mais adiante.

A cena inicial é, portanto, rica em construções conceituais e explicitadora de representações sociais sobre esses sujeitos. Retrata um momento da rotina da instituição, a hora destinada

manifestada pela agressividade que poderá estar voltada para si mesmo e para o outro. O princípio do prazer e as pulsões eróticas são outras características da pulsão de vida. Já a pulsão de morte, além de ser caracterizada pela agressividade, traz a marca da compulsão à repetição, do movimento de retorno à inércia pela morte também. Embora pareçam concepções opostas, a pulsão de vida e a pulsão de morte estão conectadas, fundidas, e onde há pulsão de vida, encontramos, também, a pulsão de morte. A conexão só seria acabada com a morte física do sujeito (FREUD, 1976).

ao “entretenimento”, na qual, mesmo sendo adultos, todos são colocados a assistir a um desenho animado, o que, comumente, seria direcionado a um público infantil. Muito provavelmente, esse enredo inicial pode ser tomado como uma crítica ao grave equívoco ainda predominante sobre o potencial cognitivo das pessoas com deficiência, revelando a forma como a sociedade ainda trata essas pessoas: por vezes, de forma infantilizada ou desconsiderando seus graus de maturidade física, cognitiva, psicológica, afetiva, social, relacional etc.

Seria pelo fato de compreender as pessoas com deficiência como incapazes de gerir suas próprias vidas e escreverem a sua própria história? Rory chega a indagar em uma cena: “que crime vocês cometeram para estarem aqui?”

Em uma análise histórica, o filme ilustra a trajetória de atendimento às pessoas com deficiência, revelando a segregação que perdurou por muitos anos, sob a alegação de que essas pessoas precisavam de cuidados específicos, pautada em uma visão que as compreendia como incapazes de conviver igualmente com seus pares na vida em sociedade.

O filme faz alusão ao contexto sociointeracional e à dinâmica da instituição (as atividades propostas a esses sujeitos e regras ali estabelecidas). Não são evidenciados naquele ambiente institucional, exposto na película, indícios de interações mais significativas ou propulsoras de avanços no desenvolvimento dos sujeitos. Tais práticas institucionais discriminatórias e excludentes remontam à estruturação que se edifica como modelo⁴ de atendimento primeiro a esses indivíduos, por manifestarem alguma diferença ou deficiência: erigido nos interstícios do assistencialismo, da medicalização e da segregação. Tal modelo tinha como finalidade a institucionalização como segregação social dos indivíduos, funcional socialmente, justificada pelo olhar da caridade e benevolência, do cuidado e da

⁴ Antes disso, esses sujeitos ficavam à mercê da morte e do extermínio (práticas sociais a eles destinadas). Posteriormente, foram salvaguardados pelo Cristianismo, sob o argumento de que “só Deus dá a vida e, portanto, só ele poderia retirá-la”, mesmo prevalecendo sobre eles a visão de seres endemoniados ou de frutos do pecado de seus pais, que seriam, consequentemente, castigados com o nascimento de um filho com deficiência.

proteção. À medicina competia conhecer e diagnosticar as deficiências, sob o olhar higienista e fatalista, que anunciava a necessidade de retirada dessa pessoa do convívio da vida em sociedade, condenando-as forçosamente a se abrigarem em ambientes específicos, que limitavam as possibilidades de desenvolvimento de suas capacidades relacionais e, por conseguinte, outras relacionadas à ordem cognitiva, psicomotora, psicológica etc.

Historicamente, a atitude de rejeição à diferença, ainda manifestada, na contemporaneidade, por vezes, em relação às pessoas com deficiência, encerra, a princípio, a ideia de indivíduo padrão, criado para diferenciar o “normal” do “anormal”. Esse foi o mecanismo para identificar e classificar os indivíduos desviantes do modelo de homem “ideal”; uma “invenção” da modernidade que traz o ranço da segregação: produz-se, então, a institucionalização da diferença! (FOUCAULT, 1999).

Aqui se situa um obstáculo social real, importante à reflexão: o olhar da sociedade sobre as pessoas com deficiência – que cria um abismo, afasta e separa sujeitos com deficiência dos demais indivíduos considerados normais, como se a presença da deficiência fosse o único aspecto que marcasse a diferença entre os semelhantes, negando o fato de que somos todos diferentes em nossa diversidade. Imagens sociais como essa não colaboram para eliminar e/ou superar as barreiras ainda existentes (socioculturais, políticas e de práticas).

A película nos coloca, a cada cena, provocações que nos instigam a desconstruir a compreensão secular da baixa ou inexistente capacidade de desenvolvimento dessas pessoas, encerrada na própria deficiência, quando subjacente, à percepção de deficiência que converge para a ideia de déficit, debilidade, incapacidade como inerente ao indivíduo com deficiência, ou seja, como dado determinante e imutável de sua constituição e de suas possibilidades.

Sobre esse aspecto denunciado no filme, a literatura da área da Educação Especial apresenta inúmeras delações de consequências negativas calcadas em tais compreensões. Dessa forma, consideramos importantes os avanços nas interpretações ocorridas mais intensamente a partir das últimas décadas do século XX, em contraposição às concepções já relatadas de “doentes, diferentes,

incapazes e/ou anormais”, via construto pejorativo da noção de desvio, anormalidade.

Conforme estabelece Vygotsky (1989), se a deficiência for compreendida apenas como um desenvolvimento quantitativamente limitado e/ou inferior, então é natural como consequência também ficarem limitadas as perspectivas de desenvolvimento e de aprendizagens. Outro aspecto importante a ressaltar é o fato de que a presença da deficiência, até mesmo a intelectual, não destitui o sujeito da possibilidade de acessar áreas potenciais no curso do desenvolvimento⁵.

Do ponto de vista abordado nesta análise, ancorada nas teorias de Vygotsky (1989, 1998) e Piaget (1972, 1986), em particular, enfatizamos os limites impostos ao desenvolvimento dos indivíduos, quando confinados em ambientes que tolhem a criatividade e o desenvolvimento pleno da atividade, do movimento e das interações potenciais dos sujeitos, quando impedem, selecionam previamente e/ou limitam experiências de vida e oportunidades que solicitem e estimulem seu desenvolvimento. Que desenvolvimento humano se efetivará em um ambiente onde o sujeito não é chamado a dar respostas, onde dele não é solicitado nada além do que se acredita ser ele capaz de realizar?

O que se observa no filme é que, até a chegada de Rory naquela instituição, todos estavam conformados, subordinados a um conjunto inflexível de normas e regras previamente estabelecidas, distantes de uma construção pautada em decisões coletivas e democráticas ou fruto de debates que incorporassem as opiniões dos que ali viviam, sem nenhuma consulta sobre seus interesses e necessidades.

⁵ Essa compreensão ampara pesquisas atuais, fundamentadas na noção de plasticidade e de modificabilidade, em termos funcionais, das estruturas cognitivas. Sabemos, por exemplo, que pessoas com deficiência intelectual podem, em um contexto educacional adequado, ascender ao pensamento operatório (reversibilidade operatória); construir, de acordo com suas possibilidades, ritmos e níveis, aprendizagens escolares em leitura, escrita e cálculo (ainda que, em alguns casos, diante da significação da deficiência no curso do desenvolvimento, consiga-se apenas a incorporação da funcionalidade destes conhecimentos ou da construção em níveis não tão refinados desses objetos de conhecimento); podem ainda avançar na autonomia social e profissional (mesmo que, diante da importância da deficiência, dependam de apoios ocasionais e/ou frequentes) etc.

As situações de estímulos dos sentidos, de sociabilidade, vivências e experimentações da vida real, nas quais os dois protagonistas vão se envolver trazem impactos importantes para suas vidas, em dimensões distintas, ao tempo em que vão abalar a instituição e seus procedimentos usuais de cercear a liberdade dos jovens e sufocar suas potencialidades.

A aparente “ordem” estabelecida no cotidiano daquela instituição é, desde o início, questionada por Rory, externando seu claro descontentamento com a ausência de interações significativas naquele espaço, tal como está configurado, com suas muitas regras limitadoras da participação dos sujeitos – em que os sujeitos parecem estar “condenados” a vivenciarem uma existência esvaziada de sentido, sem autonomia para tomarem decisões sobre suas vidas e os caminhos que querem seguir.

Um exemplo ilustrativo, em cena: Rory, em seu primeiro banho, dado pelas profissionais da instituição, faz o pedido de ter seu cabelo arrumado com gel, ao estilo de vocalistas das bandas de rock (que, por sinal, é sua preferência musical); seguidamente, apresenta-se uma cena que se faz cômica: Rory aparece, em nítida atitude de afronta às cuidadoras, com o cabelo em topete, conforme pretendido; o penteado fora feito por Michael, conseguido por uma ação completamente colaborativa, associando o que cada um tinha de possibilidade motora. A mobilidade e a capacidade de movimento das mãos de Michael serviram aos interesses de Rory, nesse feito espetacular.

A vinculação estabelecida a partir de então entre os dois jovens vão consolidar uma amizade que possibilitará, a ambos, crescimento pessoal, em uma reciprocidade positiva. A troca, a partilha de saberes distintos, a cooperação e a ajuda mútua serão os principais componentes dessa relação de amizade. Em cenas posteriores, vamos constatar que a oralidade e eloquência de Rory o tornam intérprete da fala de Michael.

O que o filme ressalta em seu desenrolar são diversas situações de conflitos criadas pelo novo morador, que passa a instigar os demais

pares, fazendo-os questionar sobre a vida naquele espaço de confinamento a que estão “predestinados”, suscitando conscientização sobre a condição de tutelados. O personagem Rory instiga os demais moradores a se posicionarem em relação à “vida que passava por eles” fora daquele espaço institucionalizado.

A discussão emanada do enredo nos serve de “pretexto” para revisões conceituais sobre a própria deficiência e suas manifestações nos sujeitos, conquanto também é primorosa para refletirmos sobre a constituição dos processos de desenvolvimento e de aprendizagem humanos⁶.

Para além do embate com a instituição e suas regras, Rory interfere diretamente nos desígnios da vida do colega Michael, a partir das novas experiências que irão protagonizar ao longo do filme e que exigirão deles a mobilização, o uso e aprimoramento de diversas estratégias cognitivas, só possíveis quando nos deparamos com experiências inusitadas, situações desafiadoras e promotoras de conflitos (conflito sócio-cognitivo⁷), ou seja, promotoras dos processos de desequilíbrio/equilíbrio⁸. Essas situações nas

⁶ Em uma perspectiva teórico-sociointeracionista, o desenvolvimento humano é possibilitado e influenciado pela interação de fatores tanto internos quanto externos ao indivíduo, assumindo o segundo um diferencial potencializador. Logo no início da vida, quando criança, a ênfase maior está nos aspectos orgânicos, ou seja, na base de maturação orgânica. Progressivamente, através da mediação possibilitada pelo outro, a cultura vai sendo partilhada, originando os processos psicológicos mais complexos. Assim, as influências socioculturais gradativamente se sobrepõem ao biológico-natural. O desenvolvimento, dessa forma, relaciona-se diretamente com aprendizagem, sendo ela a condição para que ele aconteça. Vygotsky (1998, p. 118) afirma então que a “aprendizagem não é desenvolvimento, entretanto o aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer”.

⁷ Para aprofundamento a respeito do tema, ler *Aspectos funcionais do desenvolvimento cognitivo de crianças com deficiência mental e metodologia de pesquisa*, de Rita Vieira de Figueiredo e Jean-Robert Poulin.

⁸ Quatro fatores gerais atuam nesse processo de desenvolvimento: o crescimento orgânico, a experiência ativa, as interações sociais e o processo de equilíbrio. O crescimento orgânico, em especial a maturação dos sistemas nervoso e endócrino, é responsável pela abertura das novas possibilidades de conduta e desempenha papel indispensável na ordem invariante de sucessão dos estágios. Seu surgimento depende de certo exercício funcional.

quais Michael se envolve, a partir da amizade com Rory, colocam em funcionamento, inevitavelmente, elementos de ordem cognitiva, psicológica, afetiva, relacionais...

As cenas que se passam fora da instituição, notadamente em espaços públicos, chamam nossa atenção para aspectos diversos, uma vez que a riqueza das interações possibilitadas no convívio com as solicitações do meio social real, extrainstitucional, vão permitir aos personagens experimentarem sentimentos diversos de alegria, desejos, ciúmes, raiva, atritos interpessoais, ajustes de condutas, conflitos, elementos que fazem parte da vida comum dos indivíduos quando na vida em sociedade.

Em uma perspectiva psicogenética do desenvolvimento humano, é importante assinalar a importância da autonomia social para a vida dos sujeitos, um vez que esta produz e amplia possibilidades de autonomia cognitiva, com implicações diretas sobre outros processos, como, por exemplo, a aprendizagem humana. Para Piaget (1975), no sentido mais amplo, a aprendizagem é um processo adaptativo que se desenvolve, em função das respostas dadas pelo sujeito a um conjunto de estímulos anteriores e atuais.

Mesmo a maturação abrindo uma série de possibilidades ao indivíduo, estas só se atualizam mediante condições de experiência material ou interação social, pois “são estas diversas condições que determinarão o acabamento daquilo que a maturação torna apenas possível” (PIAGET, 1986, p. 111). A experiência ativa, adquirida na ação efetuada sobre os objetos, é essencial e necessária à formação das estruturas lógicas. Assim, a atividade é essencial para o desenvolvimento. Vale destacar que as ações/atividades necessárias para que ocorra o desenvolvimento são mais do que simples movimentos físicos. São comportamentos que estimulam o aparato intelectual da criança, podendo ou não ser observáveis. Esses comportamentos produzem desequilíbrio e permitem a ocorrência da assimilação (incorporação do mundo exterior às estruturas mentais já construídas do sujeito) e da acomodação (reajuste das estruturas já modificadas pela assimilação ao mundo exterior). As interações sociais, ineficazes sem a assimilação ativa, contribuem para a construção e validação dos conceitos ou esquemas que a pessoa desenvolve, especialmente aqueles desprovidos de referentes físicos. A equilibrção é o quarto fator geral que atua no desenvolvimento e desempenha papel regulador dos três primeiros. Essa equilibrção consiste na sequência de respostas (compensações) ativas do indivíduo face a um desequilíbrio. Por tratar-se de uma sequência de regulação tanto retroativa como antecipadora, constitui-se como um sistema permanente, perpétuo. Traduz-se sob a forma de satisfação de uma necessidade ou solução de um problema.

Em outra referência aos episódios da história contada no filme, temos a cena em que Rory busca (não mais pela primeira vez) a concessão de apoio financeiro para um programa de moradia independente, que lhe permitiria autonomia social mais efetiva, incluindo a garantia de um profissional-acompanhante especializado.

Assim, verificamos nessa parte da história narrada um importante episódio que remete a um processo em que, mais uma vez, os dois personagens unem-se em busca da realização do desejo de Rory de morar sozinho. Diante do sonho de Rory, negado pelas autoridades sob a alegação de que este não tinha autonomia suficiente para dirigir sua própria vida, Michael decide fazer a mesma solicitação a fim de conceder ao amigo o almejado. Na audiência com essa finalidade, junto aos concedentes, Michael precisa de Rory como intérprete para se fazer compreendido. A autorização foi concedida a Michael, de forma extensiva a Rory, pela imprescindível tarefa de ser seu intérprete.

Após conseguirem autorização para uma vida autônoma e independente, todavia outros desafios estão por vir na concretização desse intento. Assim, incentivado pelo amigo, Michael decide procurar seu pai, Fergus Connolly, ilustre jurista, para um “acerto” de contas da vida, de uma dívida antiga que data do seu nascimento e do abandono sofrido. Do emocionante encontro entre pai e filho, em meio ao ressentimento e à dor de Michael, os dois jovens “lucram” o imóvel que necessitam para fazer valer a autorização concedida; o pai de Michael, com o provimento do imóvel, tem em troca a manutenção do anonimato sobre o fato de ter um filho com deficiência e o silenciamento sobre seu abandono.

Muitas outras coisas acontecem na nova trajetória desses jovens a partir de então: com a acompanhante Siobhan, selecionada para a tarefa, a vida revela-se em outras perspectivas; são necessárias adaptações a várias situações de vida cotidiana, problemas vivenciados em função de uma vida independente, agora sem a vigilância e

proteção dos profissionais da instituição. Michael, em particular, experimenta uma efervescência de sentimentos, despertados em situações provocativas de desenvolvimento das funções de percepção, atenção, memória, linguagem, pensamento; muitas são as emoções vividas, assim como sentimentos de alegria, medos, frustrações, desde a afirmação do carinho pelo amigo e um amor platônico, despertado em ambos, por sua cuidadora⁹.

Com a moradia independente, Michael experimenta a “vida real”: passa pela experiência de não correspondência de seu sentimento pela cuidadora; lida com o ciúme despertado em relação a ela e sofre com o duro golpe da morte do amigo, causado pelo agravamento de sua fragilidade de saúde – cenas que fazem parte da vida humana, com ou sem deficiência.

Rory morre ao final, mas deixa para o amigo Michael diversos ensinamentos, entre os quais a aprendizagem de que “o direito deve existir independente de seu exercício”, por isso é preciso lutar por ele, além de um legado de autonomia, autoestima, confiança, amor-próprio, enfim, lições imensuráveis de amor à liberdade e à vida!

⁹ Na trama, também se enuncia uma provocação para se pensar sobre a temática da sexualidade das pessoas com deficiência. Rory, em uma das cenas do filme, faz em tom audacioso sua própria conceituação: ao se apresentar à instituição, afirma que “só possuía os movimentos de dois dedos usados para locomover-se à cadeira de rodas e para se masturbar”. Esta e outras cenas alertam para o fato de que as pessoas com deficiência também têm desejos sexuais, sentimentos, necessidades de trocas afetivas e de construção de relacionamentos amorosos, como todo ser humano, não se tratando de seres “assexuados” pela presença da deficiência.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Saberes e práticas da inclusão: dificuldades de comunicação e sinalização: deficiência física**. Brasília: MEC, 2004.

FIGUEIREDO, R. V.; POULIN, J. R. Aspectos funcionais do desenvolvimento cognitivo de crianças com deficiência mental e metodologia de pesquisa. In: CRUZ, Silvia Helena Vieira (Org.). **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisa**. São Paulo: Cortez, 2008, v. 1, p. 245-263.

FREUD, S. **Obras completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1976.

PIAGET, Jean. **Desenvolvimento e aprendizagem**. Tradução de Vânia M. M. Rasche. New York: 1972. (Mimeo).

_____. **Seis estudos de psicologia**. Tradução de Octavio Mendes Cajado. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. Tradução de José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **Obras completas: fundamentos da defectologia**. Havana: Editorial Pueblo y Educación, 1989.